

Editorial

O DILEMA
AUTORITÁRIO

Causaram desconforto, para não dizer preocupação, as declarações de 16 integrantes dos black blocs ao jornal "O Estado de S. Paulo", no último fim de semana. Disseram que, nesta Copa do Mundo, vão "instalar o caos, sim" e que o mesmo fará também o crime organizado, o PCC, com seu poder de fogo.

"Esse é um recado", disseram, acrescentando que vão dar o troco à violência do Estado, manifestada no modo como a polícia atua nas periferias, na morte das pessoas nos hospitais públicos, na indigência da educação, no transporte indigno, em todos os demais atentados contra a vida humana.

Com certeza, esses black blocs leram Marx e Lênin e veem no Estado um instrumento da burguesia, seu principal inimigo. Vale quase tudo, então, como não ser contra nem a favor do PCC. Ao contrário dos adolescentes que os seguiram nas manifestações de junho de 2013 e que foram identificados.

Adultos, agem na clandestinidade, seguindo táticas desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos. Falaram à imprensa porque viram a imagem ruim que construíram na opinião pública. Mas seu discurso tem amplitude nacional, já que ataca problemas que o Estado democrático de direito não resolveu.

Esse é o trunfo dos black blocs. Acabada a ditadura militar, implantada a democracia, esta frustrou muitas expectativas. Frequentemente, pessoas reclamam a volta dos militares. A frustração era inevitável. A prática democrática é naturalmente trabalhosa, pois dela se aproveitam os aprendizes de tiranos.

A história registra vários ditadores que alcançaram o poder por vias democráticas. As esquerdas sempre "pagaram esse pato". Isso só aumentou o preconceito ideológico. No entanto, foi o movimento de massas que garantiu a democracia. O regime militar no Brasil não teria acabado sem as passeatas.

A democracia tem de conviver com esses desafios. Só as ditaduras têm de apelar para a violência para se manter.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO**
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Ultrapassando as soleiras da
velhice com saúde e autonomia

Mora sozinha, dirige seu carro, vai ao cinema e ao teatro

Evelhecer, em si, não tem sido problema, apenas uma espera que encarei com naturalidade e amando meus cabelos brancos, como falei em "O poder grisalho é só para quem tem coragem e teimosia" (**O TEMPO**, 2.11.2010).

Não crendo no elixir da juventude e na contramão da uma sociedade obcecada pela eternização da juventude, vi a velhice chegar com serenidade e sensibilidade pela sofrença de pessoas idosas com doenças e perda da autonomia, meu único temor como "mulher difícil" – que manda na própria vida ("Difíceis, empoderadas e felizes", **O TEMPO**, 31.5.2006).

Como médica, sei dos significados da velhice dependente de cuidados. Por alto, elenco algumas crônicas que garatuei abordando o tema: "Cuidadora familiar" (4.2.2004); "Um pacto civilizatório para os cuidados na infância e na velhice" (13.3.2012); "Infância e velhice descuidadas atestam descaso e crueldade" (20.3.2012); e "A velhice maltratada, roubada, abandonada e vilipendiada" (15.1.2013). Todas publicadas em **O TEMPO**.

Todavia, nenhuma causou mais impacto do que "O Estado brasileiro doou a minha vida para os bancos!" (20.5.2014), que gerou a reportagem impecável de Queila Ariadne: "Alô, aposentado, que tal você conhecer o Leste Europeu?" (**O TEMPO**, 1º.6.2014).

A repercussão da crônica foi robusta entre aposentadas, de quem recebi alguns e-mails, a maioria de chorar, relatando as agruras da aposentadoria sob a batuta da exploração familiar... Em muitas famílias, ter uma pessoa aposentada é renda extra para consumo geral!

Muitas aposentadas vivem penduradas no empréstimo consignado para "ajudar" a filharada inconformada em surrupiar apenas os trocados da aposentadoria e/ou da pensão mensalmente, às vezes deixando a mãe passar necessidades, inclusive de alimentação, para prover vida fácil para o resto da família! Uma disse-me que o discurso das bancárias do setor do INSS é copiado da vida real: "Mãe, deixe de ser egoísta, a gente precisando, a senhora pode e não quer ajudar!".

Uma professora universitária aposentada há muitos anos, pensionista há dez,

Um filho é "dono" do cartão dela e, mal paga um empréstimo, faz outro! Ter aposentado na família é meio de vida fácil para a exploração familiar.

divide a razoável pensão do marido entre as três filhas, por exigência absoluta delas, que dizem que ela não precisa de tanto dinheiro! Fez empréstimo consignado três vezes para que elas trocassem de carro! Por último, não permitem que ela faça excursões, como era acostumada a fazer. "Nada de preocupação saudável, não! É para sobrar mais para elas!". Agora, ameaçando-a de interdição judicial, querem que venda o bom apartamento em que vive e vá morar num "residencial de idosos".

Telefonei para prestar solidariedade diante do serpentário em que ela vive, apesar da lucidez, da independência financeira e da autonomia: mora sozinha,

dirige seu carro, faz a sua comida quando quer, mas em geral pede comida pronta, vai ao cinema e ao teatro com frequência, adora ler e, depois dos 76 anos, conta com uma acompanhante que dorme com ela.

Finalizou contando que tem uma faxineira, uma vez por semana, que é aposentada e não sabe a cor do dinheiro, pois um filho é "dono" do cartão dela e, mal paga um empréstimo, faz outro! E arrematou: "Ter aposentado na família, do salário mínimo aos muitos mil, o meu caso, é meio de vida fácil para a exploração familiar. A única vantagem é que a qualquer espirro levam a gente ao médico, mas não é por amor, é só cuidado com a galinha dos ovos de ouro!".

Resta comer bombom, como disse Carlos Drummond de Andrade: "Há duas épocas da vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombom".

